

WILSON MARTINS



Eu e não-eu

Poetas de poetas e as vozes consagradas pela simplicidade

Ao contrário de um mal-entendido aparentemente indesejável, as emoções pessoais do poeta não interessam ao leitor, interessado apenas nas suas próprias. Muitos dos que se sentem poetas, e são até acetos como tais, tomam-se a si mesmos para objeto da poesia, descrevendo embevecidamente o que sentem diante de ou ao lado da mulher amada (no pressuposto de que são os primeiros a conhecer essa experiência na História da Humanidade), ou descrevem os seus estados de alma andando pelas ruas, evocando o mundo supostamente maravilhoso da infância ou admirando as belas paisagens.

Contudo, a poesia literária destina-se a provocar emoções no leitor, não a comunicar-lhe as que foram sentidas pelo poeta: o prazer poético, como todos os outros, é um prazer solitário. Embora nem sempre obedecesse à sua própria arte poética, Drummond advertia aos colegas de ofício: "Tua goça de bile, tua careta de gozo ou de dor no escuro / são indiferentes. (...) O que pensas ou sentes, isso ainda não é poesia".

Em segunda edição, "As marinhas", de Neide Archanjo (Rio: Ibis Libris, 2001), repõe no círculo do literário uma poesia exemplar enquanto poesia, para além das correntes autobiográficas confessionais e gemidos eróticos. É, como foi dito, "uma meditação sobre o Destino e também uma meditação sobre a poesia", sem cair no didatismo elementar e previsível. Mas, como seria de esperar, ela tem sido até agora um "poeta de poetas", sem penetração no grande público cultivado e no elenco das consagrações reconhecidas.

Sob esse aspecto, é caso oposto ao de Mário Quintana, apresentado em livro no qual a sutuosidade tipográfica excede a importância dos poemas coligidos ("Água", Ed. trilingüe, em português, inglês e espanhol. Porto Alegre: Artes e

Ofícios, 2001). São seus últimos textos, diz a nota introdutória, "aprovados pelo autor" e publicados no "Relatório Anual 93" do Banco do Brasil, lançado em 1994. Repetindo em três línguas doze pequenos poemas de circunstância, esta edição lhe confere uma dimensão internacional que não é a sua e à qual, de resto, jamais pretendeu.

Seu caso é singular, conforme ressalta o resumo biográfico final: "Desde seu primeiro livro, Mário Quintana foi considerado o poeta mais significativamente da sua geração de escritores gaúchos. (...) A obra de Quintana, entretanto, não obteve a projeção internacional de Eric Veríssimo, nem adquiriu a es- tatura intelectual e política de Dyonello Machado ou Augusto Meyer. A partir dos 70 anos, porém, ele se tornou uma celebridade, mais por aclamação popular, do que por reconhecimento oficial".

Podemos vê-lo como o *uomo qualunque* da poesia, com quem os leitores se identificam espontaneamente por "compreendê-lo" à primeira leitura sem complicados exercícios interpretativos. Há, mesmo, uma regra não-escrita com relação aos menores do gênero — Adélia Prado ou Manoel de Barros, Paulo Leminski ou Orides Fontela, Cora Coralina ou Ana Cristina César, digamos a título exemplificativo — celebradas pela "aclamação popular": quanto mais "simples" na temática, na sintaxe e no vocabulário, maior será o seu público de eleição. Escrevem a poesia sem alusões literárias, nem se entregam a jogos estilísticos de técnica. Dentro todos, no Brasil contemporâneo, Quintana foi e é o de maior finura intelectual, o maior dos menores, o de leitura mais atraente, para o que concorre, sem dúvida, o espírito irônico sempre alerta.

A poesia de Luiz Coronel ("Concerto de Cordas", Antologia poética. Rio: Imago, 2001) é um excelente mostruário de composições líricas, nas quais ele mesmo está sempre no centro do universo, registrando suas emoções eróticas ("Pousa sobre meus ombros / o louco pássaro do desejo. Que espanto!"), seus sentimentos cívicos e humanitários ("A droga / te leva às nuvens / e te deita na lama"), sua solidariedade social ("E todos sabem / que não há sinal / verde / para este país / enquanto houver / um menino na sinaleira"), suas convicções religiosas

("Natal são os Reis Magos / trazendo nas mãos / a oferenda dourada / dos frutos da terra") e a permanente consciência de estar escrevendo poesia.

Num mundo marcado pelas repetições, pelos lugares-comuns e pelo psitacismo, Zeca Corrêa Leite criou uma obra genuinamente original, na concepção, no tratamento da matéria e na temática ("Quinhentas vozes", S. Paulo: Polo, 2001). É poeta par quem o mundo exterior existe, no caso, o mundo real das pessoas reais, vivendo a sua vida cotidiana, quero dizer, entregues às empresas pedrestes de todos os dias, mulheres que varrem a casa, cozinham para o marido, são abandonadas, consomem-se em paixões ao mesmo tempo banais e destruidoras, sem arroubos sublimes nem declarações hiperbólicas, figuras independentes do poeta, tudo escrito com grande objetividade de observação, sobre tópicos que, pela retórica consagrada, não seriam considerados "poéticos".

Trata-se de composição dramática, na qual uma única atriz representa metaforicamente as quinhentas vozes do título e da vida, a "voz" da condição feminina através da declaração sucessiva de "quadros" e destinos de dezesseis mulheres diferentes, sem qualquer relação entre elas nem com o poeta. São "múltiplos monólogos", escreve Miguel Sanches Neto no prefácio, "uma lírica radiografia da alma feminina. (...) A cada poema, uma nova mulher, uma nova voz (...) desvela-se num ato confessional que nos comove pelo que existe nele como confissões" românticas e lacrimosas: são mulheres reconstituindo em pensamento os atos de todos os dias: "Daquela tempo ainda guardo um bule, uma canequinha"; ou, outra "voz": "Na cozinha, eu arrastava os restos de suas falas (...) Fazia aquilo que ele gostava: abobrinha recheadas, / carne moída, larofa, pimentão frito (...)".

Note-se, entretanto, que as citações esparsas desnaturaram o impacto poético do texto, que deve ser lido por inteiro e na seqüência em que foi composto. Não é um "livro de poemas", é um poema único, cuja unidade interior é formada e cumulativamente pelas vozes que se sucedem e dialogam entre si, completando o tecido da imprevisível existência de todos os dias.



Cavalante

Apostas de um ano que já promete revelar segredos da ditadura militar

Os últimos livros de Robbe-Grillet e Kundera entre os lançamentos de 2002

Impossível saber tudo o que vem por aí em 2002 na área de livros. Se não fosse pela surpresa, os lançamentos perderiam o encanto de sua graça. No entanto, não há editora que inicie o ano sem reservar na manga cartas que aposta serem decisivas na conquista dos leitores. E algumas delas já são conhecidas, como o novo romance do francês Alain Robbe-Grillet, "La reprise" (que pode ser traduzido por "A retomada", que a editora Record planeja lançar nos próximos meses).

Ao surgir na França no segundo semestre do ano passado, o livro foi saudado pela crítica como um dos melhores do ano e um dos melhores desse autor, teórico do Nouveau Roman, movimento que despontou na década de 50. Segundo Robbe-Grillet, roteirista do mítico "Ano passado em Marienbad", trata-se de uma história de espionagem, embora não necessariamente será de fato uma trama desse tipo que os leitores encontrarão. O cenário é a Berlim de 1949, numa história de duplos, sombras, mistério e possibilidades, pontuada pelo assassinato de um homem — uma literatura sempre provocadora.

Os bastidores de um período conturbado da história

A Companhia das Letras marcou para abril, com título a ser decidido, o lançamento de dois volumes dos seis do jornalista Elio Gaspari sobre a ditadura militar no Brasil. Esses dois primeiros vão da deposição de João Goulart ao episódio da guerrilha do Araguaia. A série é muito aguardada, pois Gaspari, devido a seu trabalho jornalístico durante os anos de chumbo, obteve muitas informações em primeira mão que agora poderão ser lidas nos detalhes, oferecendo a oportunidade de se conhecer um pouco mais sobre um dos mais conturbados períodos da nossa história, ainda não plenamente estudado. O contrato foi um dos mais disputados do ano passado no



ALAIN ROBBE-GRILLET: o romancista, expoente do Nouveau Roman, lançará "La reprise" pela Record



O GENERAL ERNESTO GEISEL: o presidente estará nos livros de Gaspari

mercado editorial e a Cia. das Letras fechou com Gaspari o que se chama de *preemptive offer*, para evitar que outras editoras disputassem em leilão os livros. Gaspari começou o trabalho em 1984 e, na época da assinatura do contrato, já tinha escrito quatro volumes da série. O lançamento do terceiro volume também está previsto para este ano e os de-

mais virão em 2003.

Muitos outros lançamentos da Cia. das Letras prometem agitar o mercado. Estão previstos o primeiro volume da "Introdução à história da filosofia", de Marilena Chauí, um novo do mais debochado autor cubano, Pedro Juan Gutiérrez, "Animal tropical", uma ficção do húngaro Sándor Marai a partir da leitura que fez de "Os sertões" (obra que

te ano comemora seu centenário); o inédito de Milan Kundera no Brasil, "A ignorância", entre muitos outros.

No segmento de coleções especiais, a editora Objetiva dará prosseguimento aos lançamentos da coleção Cinco Dedos de Prosa, na qual diferentes autores criam uma ficção sobre um dos dedos da mão. Estão programados os livros de Mário Prata, "Procurando mindinho", de Manuel Carlos, ainda sem título decidido, inspirado no dedo anular, e um terceiro sobre o polegar, de Luís Fernando Veríssimo. O escritor gaúcho, grande sucesso da Objetiva em 2001, também lançará os livros de crônicas "Sexo na cabeça" e "Todas do analista de Bagé".

Entre os livros de história, a Zahar promete iniciar o ano com "Apologia da História", de Marc Bloch. A Nova Alexandria também oferecerá ao longo do ano uma sortida oferta, que vai de Rilke ("Diário de Florença") e Montesquieu ("Cartas persas") a um inédito do brasileiro Domingos Pellegrini, "Começo de tudo". ■

A anteaurota lírica de uma nova sensibilidade

'Alba', de influência simbolista, é o sexto e melhor livro de Thereza Christina Motta

Alba, de Thereza Christina Motta, Editora Ibis Libris, 84 págs. R\$ 18

Elaine Pavuloid

Alba ou alva, entre outros significados, é uma espécie de trova antiga, na qual se canta o momento da separação dos amantes com o despertar da aurora. Também significa a anteaurota ou o primeiro alvor da manhã, o que é branco e nome de mulher. Com um título assim a poetisa coniliana Thereza Christina Motta lança seu sexto e melhor livro. Os poemas abrangem o universo citado, em especial o tema que diz respeito à aurora, prenunciada pela alba, em que os corpos separados dos amantes são espectadores da passagem do tempo, seus eileitos e sua falta de sincronização com o tempo da imaginação, do amor, da paixão e da arte.

Lírica, a autora ausculta o eu. Surpreende nos versos o contato com o imaginário, no que há de mais universal e inteligível. Tais como pequenos oráculos, os poemas festejam experiências pessoais em versos. Embora não se prenda à voz de uma mulher, é do olhar feminino que a autora fala, da percepção feminina, tema presente no mito de Tírsias. O adivinho tebano, ao ver duas serpentes copulando, separou-as e feriu uma delas. Nesse exato momento transformouse em mulher. Ao voltar ao local, presenciou a cena de novo. Ele as separou e houve mais uma vez a mudança de sexo. Experimentando os dois, o mito conta, Tírsias foi capaz de discernir o sentir feminino do masculino como ninguém, revelando ao povo a verdade desta diferença.

Livro interessado na passagem do tempo

Vejam os trechos do poema "Amor": Respondo-te com o mesmo calor / com o mesmo entusiasmo lançando-se sobre mim / Respondo-te com as mesmas palavras longínquas /

o mesmo ardor do tempo, / que só responde a perguntas com o silêncio. / Somos os olhos bravios da tempestade, / o vórtice do luracão, / a manhã estrelada de tantas auroras antigas (...).

A poesia de Thereza Christina Motta, neste e nos livros anteriores, tem forte influência simbolista, movimento literário da virada do século XIX. A poetisa escreve em outra virada de século e, nesta nova aurora, a passagem de um para outro século rouba a cena dos demais acontecimentos, mescla o imaginário e, consequentemente, nas artes. Com o livro em questão, interessado na passagem do tempo, não poderia ser diferente.

O eu mergulha em si na busca de respostas. Para expressar tudo o que sentem, os poetas com essa sensibilidade não se negam a desreperlar a gramática, nem se prendem à tentativa de se fazer entender. Esta estrutura contempla-se nos poemas de "Alba". Como introdução ao livro a autora evoca: "Se soubesses o que sei, aurora, / não nascerias para mim / mas para a vida inteira".

O contrabalançar de opostos de claro e escuro

A poetisa, em vez de relatar a aurora ou a lenta passagem das horas, evoca a própria aurora, o próprio caminhar vagaroso do brilho do Sol sobre as ondas, o estender da tarde incompreensível, quando para a autora ainda é manhã. Vide versos do poema "Olhos garços": Teremos sempre novos mistérios e insondáveis segredos / diante de janelas abertas sobre o horizonte. / A praia nos alcança em meio dia / e nossa manhã ainda não escorrega pela tarde / procurando outra seiva para alimentar a noite". Do contrabalançar dos opostos de claro e escuro, masculino e feminino, dia e noite, presença e ausência, do lícito ou ilícito Alba nasce. ■

ELAINE PAVULOID é poeta e ensaísta

